REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 883

10 DE JULHO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. MANUEL VIEIRA DE MATTOS
ARCEBISPO-BISPO DA GUARDA

CHRONICA OCCIDENTAL

Estaremos de luto os catholicos? Depois de algumas noticias mentirosas, de pequeninas luzes d'esperança, de antecipadas dôres e de continuos sobresaltos, confirmar se-hia finalmente a má nova de haver fallecido no palacio do Vaticano o glorioso velho Leão XIII?

A hora em que escrevo ainda tudo são duvidas.

No dia em que elle fez noventa annos, dez meninas muito novas fizeram offerecimento a Deus, cada uma d'ellas de um anno de sua vida, para que o Santo Padre completasse um seculo de existencia. Não quiz talvez o Senhor ouvil-as; mas que melhor recompensa desejariam do que o sorriso commovido com que o doce velhinho

CATHEDRAL DA GUARDA — PARTE RESTAURADA DO LADO NORTE

lhes acolheu a noticia do sacrificio a que por elle estavam promptas?

Durante quatro dias, a toda a hora, para todo o mundo, o telegrapho romano enviou novas dos boletins medicos, que ora davam aso a uma leve esperança, ora a quitavam de todo.

Os velhos resistem muito; mas a velhice é doença implacavel.

Vicente Joaquim Rafael Luiz Pecci nasceu em 10 de Março de 1810 e tem portanto noventa e tres annos de edade.

Magro, diaphano, a sua excepcional velhice, que lhe punha como que uma aureola de doçura, ainda tornava mais interessante e sympathica aquella cabeça, das mais illustres de todo o seculo XIX, em que os olhos brilhavam com tal intensidade, que parecia que só n'elles toda a vida se acolhêra.

Poeta notavel, era com os poetas que descançava seu espirito e com elles formaria alguma parte de sua alma. Eram seus predilectos Dante e Virgilio. Em latim geralmente fazia suas composições.

Ainda no collegio, quando a este foi de visita o padre Vicente Pavani, geral dos jesuitas, dirigiu-lhe estes versos:

Nomine Vincenti quo tu, Pavane, vocaris,
Parvulus atque infans Peccius ipse vocor.
Quas es virtutes magnas, Pavane, secutus,
Oh! utinam possim Peccius ipsesequi!

De si mesmo, agora no fim da trabalhosa vida, escreceu:

Justitiam colui; certamina longa, labores,
Ludibria, insidias, aspera quæque tuli:
At fidei vindex, non flectar: pro grege Christi,
Dulce pati, ipsoque in carcere dulce mori.

E assim viveu Leão XIII, em lucta sempre pelo ideal e até no ideal refugiando-se quando precisava de descançar das luctas da vida.

Poucos homens foram como Leão XIII perseguidos pelos jornalistas, que desde ha muito, com os mais pequeninos pormenores agora, nos descreveram sua vida intima com rigoroso horario, suas frugaes comidas, seus passeios nos vastos jardins do Vaticano, suas conversações predilectas e seus ditos de espirito.

Desde que o papa adoeceu, cada uma de suas palavras nos foi transmittida pelo telegrapho.

Uma de suas maiores affeições era a vinha pequenina, que mandou plantar n'uma encosta dos seus jardins do Vaticano. Tratava-a com carinho inexcedivel, e elle mesmo vigiava, cepa por cepa, se eram cumpridas suas ordens. Chegada a maturação, mandava proceder á vindima e, como todo o lavrador, achava que seu vinho era o melhor que havia na terra. A maior distincção que podia a alguem conceder era enviar-lhe uma garrafa do nectar de sua lavra, que, por signal, dizem, nem era nectar, nem vinho, mas a mais detestavel das limonadas.

Culpa bem pequenina para quem de tantas, virtudes deu tão commoventes provas.

Foi dos homens mais amados n'este mundo, e de ninguem ouvi, que o visse ou lhe falasse senão que pouco era ainda o muito que quizessem encarecel-o, tanta era sua majestade, tanta doçura dimanava de toda a sua pessoa.

Summo Pontifice dos catholicos, viu prestarem-lhe a maior homenagem os chefes das maiores nações protestantes. Contra a maior e mais atiçada das guerras, elle ergueu cada vez mais alta, demonstrou que de todo combate sai incolume a Egreja de Christo.

Noventa e tres annos de vida e desde muito novo veio sempre provando suas altissimas faculdades intellectuaes, sua fé inabalavel.

E nem uma sombra de orgulho a manchar-lhe a alma! Que simplicidade a d'esta carta que elle escreveu a seus irmãos, quando foi eleito para sentar-se na cadeira de S. Pedro:

«Meus queridos irmãos

«Communico-lhes que no escrutinio d'esta manhã o Sacro Collegio quiz elevar a minha humilde pessoa á cadeira de S. Pedro. Esta é a minha primeira carta, que dirijo á minha familia, para a qual imploro toda a especie de venturas e a quem envio com affeição a benção apostolica.

«Rezem muito por mim.»

Ignora-se por emquanto quem lhe irá succeder. A' ultima hora falava-se no muito velho cardeal Oreglia, que, ha já bastantes annos, annos antes da morte do papa Pio IX, foi nuncio apostolico em Lisboa.

Com uma grande cruz negra deveriamos ter encimado esta chronica, que luctuosa tem de ser.

Quanta vez procuro evitar n'estas linhas referir-me a mortos, ainda que d'elles muito eu tenha que dizer!... Mas falei da morte do papa, assumpto que interessa ao mundo inteiro, hei de guardar umas linhas para alguem que muito interessou o meu coração.

Muito conhecido em Lisboa, por sua intelligencia e finissimo trato, estimado de quantos o conheciam, foi para todos doloroso golpe a noticia da morte do Conde de Lavradio, D. Salvador d'Almeida Correia de Sá, a quem uma doença, tão grave como cruel, ha dez mezes obrigara a recolher-se a casa, e ha já mezes, ao leito, n'um soffrimento sem descanço.

Ninguem foi melhor filho, porque talvez o levassem mais depressa ao tumulo cuidados com que, durante annos, tratou seu pae para do tumulo o afastar. Ninguem foi melhor parente, como o provaram lagrimas de esposa, de irmãos, de sobrinhos, que o idolatravam. Ninguem foi melhor amigo, e por mim o sei, e hoje, infelizmente, pela dôr de meu coração

No Estoril falleceu tambem o sr. conselheiro Oliveira Monteiro, que foi por muito tempo presidente da Camara Municipal do Porto e em Lisboa adoecêra, tendo sido aqui chamado pelo desempenho de seu logar na Camara dos Pares. Era um homem digno de respeito e cuja morte foi sentidissima.

Mas não falemos mais de luctos, que nem o tempo vai para que só de tristezas cubramos o nosso coração.

Está presentemente em Lisboa um dos mais celebrados pintores do mundo e está maravilhado com a luz do céo de Portugal que elle acha incomparavel.

Temos tido tardes de tamanha formosura, que ao menos a esta bem caberia aqui um madrigal.

Lisboa vai-se despovoando e alguns só esperam para essa partida, já annunciada nas columnas do high-life, que seu menino termine no lyceu os exames e, com approvação ou reprovação, possa refazer um bocadinho de sangue que o traz envenenado pelos sustos.

E' sempre um máo bocado este e não sei quem por costume ande mais pallido á espera do desenlace, se o pobre pequeno com a cachimonia a abarrotar de conjugações, se os paes, que já não sabem em que algibeira hão de metter os bilhetes de empenho.

Amanhã tudo se esquece. O ar fresco do campo atira para longe as nuvens que a pouca sciencia dos meninos ou um bocado de má sorte accumulou sobre as cabeças d'uma familia.

D'aqui a pouco, Lisboa não fornecerá noticias. O calor terá afastado a população. De importancia, cá pela cidade, temos apenas a archivar a excellente conferencia realisada no Centro Regenerador Libaral pelo primeiro tenente da armada, sr. Guilherme Ivens Ferraz, que tomou para assumpto «Dois annos e meio de autonomia na evolução de Lourenço Marques. Com o exemplo d'esta provincia procurou o illustre official de marinha demonstrar as vantagens do regimen de descentralisação, sendo applaudidissimo no final da sua desenvolvida conferencia.

Sahiu um d'estes dias para fóra do reino, acompanhando sua esposa enferma, o sr. Presidente do Conselho, Hintze Ribeiro, tendo ido grande numero de seus amigos ao bota-fora na estação do Rocio.

Dias depois, seguiu-lhe o exemplo o illustre chefe do partido progressista, sr. conselheiro José Luciano de Castro.

As viagens dos chefes de estado tambem ainda não acabaram e continuam dando que fazer aos telegraphistas. Agora é o Presidente Loubet que, tendo embarcado em Boulogne com destino a Inglaterra, foi recebido com extraordinarios applausos.

E, sempre que falemos d'estas viagens, só por esquecimento deixaremos de escrever: Deus lhes ponha a virtude.

João da Camara.

GUILHERME IVENS FERRAZ

OS SECULOS DA REVOLUÇÃO *

CAPITULO III

As communas de França

O renascimento politico da Italia avassalla todos os povos da lingua romance.[1] Os da Galia meridional, mais proximos das republicas italianas, com cedo lhes imitam o exemplo.[2] Menos vexados durante a invasão dos barbaros, ou porque a conquista ahi não penetrou cabalmente, ou porque os invasores, Godos, Burgundos e Francos, não houvessem imposto suas leis aos vencidos, é certo que haviam guardado da civilisação romana o conselho municipal, ou *curia*, magistraturas electivas e a assembléa de *homens bons*[3]; organisação esta que a ruina do imperio até rebustecêra em certos logares.[4]

A' sombra de taes instituições, florescentes durante que bispo lhes foi *defensor*,[5] viram crescer nos seculos X e XI sua riqueza e população.

No seculo XII, constituições consulares, obtidas *bona pace*, ou conquistadas pela revolta armada, como succedêra em Montpellier,[6] governam estes povos.

Se o novo regimen encontra ao norte da Provença a tenaz resistencia do feudalismo, que no Limousin ahi prepondera pelos seus viscondes; no Auvergne, em Clermont para exemplo, pelos agentes do bispo, em Aurillac pelos mandatarios do abbade, em Rion, pelos delegados do conde e do rei, — é certo que, afóra estes povos, as cidades da Gallia meridional são verdadeiras republicas: bispos, duques, condes e o proprio rei só ahi figuram a titulo de suzeranos, e com o direito de perceber determinadas contribuições indirectas. A outros gravames e exacções se oppunham as cidades com as tropas concelhias.[1] Diverge a sua constituição, a exemplo da Italia; em nenhuma havia dois consules, como na antiga Roma. O numero d'elles, entre 5 e 24, é a mór parte das vezes 12. Exercendo funcções administrativas, dirimindo os pleitos, commandando a milicia, eram auxiliados por dois tribunaes consultivos, um grande, outro menor; e, nas crises extraordinarias, convocam a assembléa dos chefes de familia, denominada *universidade*. Um ponto de contacto existe, porem, entre os codigos politicos das cidades de Provença e Languedoc: — a eleição annual das suas magistraturas.

Ao norte da França deixára maiores vestigios a conquista: ahi mais pronunciado fôra o abuso da força; mais despotico o dominio dos vencedores. O homem, que não vestisse o brial de cavalleiro, ia confundir-se com os servos. Não raras vezes, afóra a dependencia immediata do sr. feudal, bispo ou conde, estavam os povos sujeitos á suzerania do rei de França, ou á do imperador da Allemanha. A sociedade conquistadora, pesava sobre os vencidos; e a oppressão era tanto maior, quanto mais retalhado e proximo estava o poder. Não obstante, talvez por esse motivo, ahi lançou raizes a revolução communal, e não menos fundas do que nas cidades, cujos monumentos e tradições testemunhavam a sua origem romana.

Ao norte antes tinham prevalecido as tradicções da antiga Germania. A *ghild*, ou banquete fraterno, em que os guerreiros do velho tempo avigoravam sua amisade, bebendo em honra dos deuses, heroes, parentes e amigos, que Odin recebera no Wahalla, — era commum a Germanos e Scandinavos. Apparece tal instituição na edade-média, convertidos os primeiros ao christianismo. E, se a taça, symbolo da fraternidade, continúa a ser libada, não em honra dos deuses antigos, mas em honra do santo, qne a *guild* investira em seu padroeiro, e mais tarde em louvor da Virgem, — é certo não se perdêra a indole d'esta instituição,e a forte solidariedade que ella impunha. Se lhes matam um irmão, os confrades vingam-no; se algum commette um assassinato, os outros dão-lhe protecção em sua defeza; se alguem é obrigado a comparecer perante o rei, acompanham-no os irmãos todos, ou parte d'elles; se qualquer perde a liberdade na guerra, seus haveres em naufragio, todos se cotisam para resgatá-lo, ou para lhe reconstruir o dominio proprio. Mas o que offender a seu confrade, quer nos bens, no corpo, ou na honra conjugal, terá labéo infamante, e será expulso com o mau nome de: — *homem de nada*.

Taes os deveres da *ghild*.

Praticando obras piedosas, distribuindo soccorros, orando pela alma dos finados, enterrando respeitosamente os mortos, — foram as *ghilds* confrarias religiosas, sociedades de soccorro mutuo, e em breve communidades politicas. Populares na Gallia antiga, em que a conquista havia aggravado os soffrimentos sociaes, foram poderoso elemento de defeza para os miseraveis de qualquer proveniencia e condição: — para os colonos gaulezes, vexados pelos agentes do rei; para os guerreiros francos, qne receavam perder a condição de homem livre; e para os pequenos proprietarios, esbulhados dos seus haveres. Na falta de um governo central, e retalhado o poder consoante á hierarchia feudal, os povos, nos primeiros seculos da edade-média, só encontraram guarida segura na *ghild* ou na associação operaria. Quando o braço ferreo de um monarcha póde conseguir o dominio dos differentes povos existentes no territorio, que mais tarde se denominaria — a França, sempre as suas leis ou capitulares tentaram pôr estorvo á formação das *ghilds* baseadas no juramento.[2] Baldados esforços! Em 859 os povos, que então habitavam entre o Sena e o Loire, formaram a *ghild*, que oppoz energica resistencia ás novas invasões.

O *Roman de Rou*[3] conta a rebellião dos servos da Normandia em 997 contra seu senhor, o duque. Neste documento se descreve o grande numero de expoliações, violencias e tyrannias, com que era tratado o povo miseravel; e de como, não tendo uma só *hora de paz*, nem garantia contra os reiterados vexames e exacções, e conhecendo a sua força, jurara formar a communa, para seu mutuo auxilio e defeza. A revolução, porém, foi suffocada em começo, pois, quando os villãos

* Vid. para o I e II capitulo, respectivamnente, pag. 278, do XXII vol., e 30 do XXIII.

[1] *Romance do meio-dia ou provençal (lingua d'oc)* falado em todas as provincias situadas no meio-dia do Loire; e o *romance do norte, welche ou wallon (lingua d'oil)*, usado ao norte d'este rio, e de que provém a lingua franceza.

[2] «O exemplo das cidades italianas ensinou as cidades do meio-dia da França.»

Henri Martin. — *Histoire de France*, cap. XIX, p. 182.

[3] Primores, prud'hommes, bons hommes, barons.

[4] A. Thierry, — *Lettres sur l'histoire de France*, lettres VI et IX, p. 122. — Vide Savigni e Carlos Calvo. *Le droit internationale Theorique et Pratique*, t. 1.°, p. 12.

Heeren, — *Essai sur l'influence des Croisades*, p. 122.

[5] *Defensor civitatis*. Michelet, — *Histoire de France*, T. II, p. 48, nouv. éd. Paris 1872.

[6] Tiveram constituições consulares: — os municipios de Arles e Béziers em 1131; o de Montpellier em 1141; o de Nimes em 1145; o de Narbonna em 1148; e o de Tolosa em 1188.

[1] Henri Martin, — *Histoire de France*, T. I, p. 183.

[2] Vide as Capitulares de 785 e 679; e Henri Martin, — *Histoire de France*, t. 1, p. 184.

[3] *Roman de Rou* (de Rollon), pelo poeta anglo-normando Roberto Wace, conego de Bayeux, fallecido na Inglaterra em 1184. Citamos a traducção franceza de L. Dussieux. Vide *L'histoire de France racontée par les contemporains. Extraits des chroniques, des mémoires et des documents originaux*, t. II, p. 91.

celebravam suas assembleias e recebiam os *juramentos*, foram surprehendidos pelo conde de Evreux, tio do duque da Normandia, o qual, segundo o *Roman de Rou, era mui valente e sabia muitas coisas*. A ferocidade e vingança do rico-homem contra os pobres mesteiraes do seculo IX foi tal, que se conservou na tradição; e até ao seculo XII ninguem mais ahi fallou em communa. «A muitos ordenou se lhes tirassem os dentes; a outros mandou empalar, tirar os olhos, cortar as mãos, e a final queimar os artelhos a todos: e nada lhe doia que se doessem. A alguns mandou-os lançar vivos ao fogo, e regá-los com chumbo derretido. A todos assim maltratou. Ficavam horriveis no aspecto. Os que sobreviveram estavam assignalados. A communa não foi por deante; os villãos, retrahindo-se, fugiam dos que a tinham organisado, agora desfigurados e opprimidos. D'estes horrores se evadiram os que, possuindo algum cabedal, o deram para se remir. Deram emquanto possuiram, e o resto se consumiu em litigios e processos.»

O horror de taes supplicios, ainda que exemplo cruel, bem cedo esqueceu; e, continuando a vida precaria dos servos, miseravel principalmente nos campos, de novo estalou a revolta; mas agora em outra parte do territorio franco.

Em 1024 sublevaram-se os camponezes da Bretanha, e o embate com o feudalismo foi terrivel, porque pereceram muitos illustres cavalleiros; a insurreição, porém, foi ainda d'esta vez afogada em sangue. Decorridos annos, e já no meado do seculo XI, apparecem as associações juradas em todas as cidades do norte da França.

O condado do Maine, a nordeste da Bretanha, foi aquelle em que primeiro lavrou a revolta. Encravado entre dois estados poderosos, a Normandia e o Anjou, havia acceitado a suzerania de Guilherme, o Bastardo, antes de elle se aventurar á conquista da Inglaterra. Quando, porém, elle se abalou com seus Normandos á temeraria empreza, os cidadãos de Mans, aproveitando o ensejo, quebraram o pacto de vassallagem (1066), sahindo-se com a innovação, que os documentos chamaram *communa* [1] (1072).

Ephemera foi sua existencia. Senhor da Inglaterra, o Bastardo invadiu o Maine (1073) á frente de corpos aguerridos de Normandos e Saxonios; a ferro e fogo, de tal modo aterrou os fautores da nova instituição, que d'entre elles os principaes lhe foram entregar as chaves da cidade. Prometteu o conquistador guardar as liberdades do municipio; mas, diz o sabio Thierry, parece que a promessa se não cumpriu, visto que a historia não faz depois menção d'ellas.

A cidade de Cambrai, em territorio francez, mas vassalla do imperador da Allemanha, desde o seculo IX que andava em guerra com o poder temporal do seu bispo. Em 957 tinha fomentado contra elle uma conspiração; mas o homem da egreja, que tambem era destemido cavalleiro, á frente de soldados allemães e flamengos, conseguiu a desforra, enchendo de espanto os sublevados.

Em 1024 nova revolução expulsa da cidade os conegos e demais clerigos; e prendendo alguns de quem tinham maiores affrontas, destruiram-lhe as habitações. Um exercito imperial assegurou em Cambrai, a senhoria ecclesiastica; mas 40 annos depois (1064), retomam as armas burguezes e mesteiraes, aprisionando o seu bispo Liebert. D'esta feita, para os subjugar, lidaram tres exercitos: — o do imperador, o do conde de Flandres, e o da condessa do Hainaut.

Em 1076, governando a diocese Gérard, sobrinho do bispo Liebert, constituiram-se os povos egualmente em associação jurada, a que chamaram *communa*. Então foi o proprio imperador da Allemanha que se apresentou a combatê-la, e a destruiu em 1107. Volvidos vinte annos, renasce uma outra vez, sendo citada, pelas que se formaram depois, como modelo de constituição communal. «Que diremos das liberdades d'este municipio? Nem o bispo, ou o imperador, lhe podem lançar impostos; é livre de qualquer tributo; não sae a campo a sua milicia, não sendo para defender a cidade, e, mesmo assim, com a condição de voltarem os burguezes no mesmo dia a suas casas.»

Taes são as palavras de um antigo escriptor; e verdadeiras, porque governava esta communa uma corporação electiva de oitenta *jurados*, que, na casa das suas sessões, denominada do — *julgamento*, exerciam a administração civil e funcções judiciaes, que distribuiam entre si. Cada um d'elles era obrigado a ter sempre prompto um cavallo, para acudir sem detença, onde os reclamassem os deveres do seu cargo. [1]

As liberdades municipaes dos povos de Cambrai, sempre discutidas, ainda lhes foram novamente usurpadas em 1138 e 1180; mas, sustentando crua guerra com os bispos e o clero da sua diocese até ao meado do seculo XIV, não deixaram comtudo de ir ávante, cercadas do respeito e sympathias, que lhes haviam grangeado a energia contumaz de seus magistrados electivos. [2]

(Continúa) *Conde de Valenças.*

[1] «... facta igitur conspiratione quam communionem vocabant.» *Gest. Pontific. Cenoman, apud Script. rer. gallic. et franc.* t. XII, p. 540.

[1] A. Thierry, — *Histoire de France*, p. 221. Henri Martin, — *Histoire de France*, t. I, p. 186.

[2] A. Thierry, — *Lettres sur l'histoire de France*, p. 222.

D. MANUEL VIEIRA DE MATTOS

ARCEBISPO-BISPO DA GUARDA

Convidou-me o meu prezado amigo Caetano Alberto da Silva para acompanhar de algumas linhas no presente numero do OCCIDENTE o retrato do sr. D. Manuel Vieira de Mattos, actual prelado Egitaniense, e confesso que me senti envaidecer por tal convite honroso, visto ser-me agradavel a occasião de poder elogiar embora o desprimôr de minhas palavras e a pobreza de minha prosa.

Raream entre nós infelizmente as occasiões de elogio merecido, como raream de modo simultaneo as figuras typicas dignas de louvor.

Poder elogiar é para mim aspiração constante e até parece ageitar-se melhor sob meus dedos a penna com que escrevo, quando tenho a ventura de deparar com um bom caminho da publicidade.

Não ha ainda muitos mezes, conversando eu na redacção do *Correio Nacional* com meu primo Francisco Peixoto (Lindoso) e dizendo-me este quão novo era o então arcebispo de Mytilene e vigario geral do patriarchado, não pude resistir a manifestar-lhe apprehensões ácerca de tão pouca idade já investida em alto cargo ecclesiastico.

A isso retorquiu-me elle com estas formaes palavras: «O sr. arcebispo de Mytilene é um santo; pena é que não tenha mais saude.»

E a opinião assim expressa por aquelle meu citado parente em circumstancias de plena e livre emissão de juizo accentuou-se completa, radicou-se inteira em meu espirito quando o sr. D. Manuel Vieira de Mattos foi declarado bispo da diocese da Guarda.

A capital revelou-se prompta em felicital-o e não menos prompta em mostrar-lhe saudade de apartamento.

Por outro lado, o regosijo de todos os egitanienses ao receber a noticia, este facto combinado com o que occorreu em Lisboa e ainda tendo em consideração que o tempo não corre propicio a maus sacerdotes no grau de sympathias publicas e em conceito popular propriamente dito, não permitte hesitar em classificar na cathegoria de exemplo edificante o homem que ainda quasi em verdes annos acaba de assumir o peso de responsabilidades enormes no tribunal dirigente de consciencias e na uncção apostolica de seu mandato.

O actual prelado da Guarda fôra em Lisboa solicito e carinhoso para com os operarios, infatigavel e porfioso em derramar no meio d'elles as luzes da instrucção de que tanto carecem.

Da cidade da Guarda foi expedido no dia 4 de junho ultimo, pouco depois do meio dia e meia hora, o seguinte despacho telegraphico de bastante interesse moral quanto á alta conta em que ali era tido o novo antistite de sua egreja:

«Chegou ás 11 horas e 40 minutos sua ex.ª o rev.mo bispo D. Manuel. Foi esperado na estação pela camara municipal, cabidos, academia, auctoridades civis e militares.

É difficil calcular a quantidade de pessoas, devendo ser superior a 5:000. Está presentemente na egreja da misericordia para seguir para a Sé. Veiu tambem a camara da Covilhã acompanhar sua ex.ª rev.ma Nas estações da Covilhã e Belmonte foi sua ex.ª alvo de grandes manifestações de regosijo.»

Em um outro telegramma expedido no mesmo dia, mais tarde, dizia-se isto: — «O concurso de povo só visto por occasião da visita das Magestades. A entrada triumphal na Sé foi imponente.»

A allocução que pronunciou na cathedral n'esse dia esteve á altura de seu nobre caracter e de seu vêr interno. «Seminario, escola e officina, eis os tres pontos para onde, desde já, deve convergir toda a Nossa actividade: — no Seminario, por meio d'uma esclarecida e zelosa disciplina, forma-se o bom padre: — na escola, pelo estudo theorico e pratico do catecismo, o bom cidadão; — e na officina, mediante os luminosos ensinamentos de Leão 13, o bom operario. Da perfeição d'eztas tres classes resultará a felicidade social de toda a Nossa diocese, — objecto dos Nossos mais ardentes votos e ainda dos Nossos mais arduos sacrificios.»

E' pois para os humildes e necessitados que vae de preferencia dirigir-se a actividade paternal do antigo arcebispo de Mytilene que, por essa fórma continuará com mudanças de localidade apenas a obra humanitaria de redempção encetada no patriarchado durante o inolvidavel exercicio de suas funcções ecclesiasticas.

Oxalá chegue a ter alegrias e contentamentos de alma por haver realisado integralmente o seu desejo saluberrimo de religião e moralidade e oxalá tambem, um dia, em futuro distanre, quando as suas cinzas repoisem no chão sagrado, as mães e os paes na diocese da Guarda, pronunciando-lhe o nome diante dos filhos digam a estes: Era um santo o bispo D. Manuel Vieira de Mattos!

Por agora aplanem-lhe difficuldades as bençãos de Deus!

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

A CANHONEIRA «PATRIA»

O lançamento ao Tejo d'este novo barco de guerra, que veiu augmentar o material da nossa marinha, realisou-se na tarde de 27 de junho, findo, revestindo a cerimonia grande solemnidade, á qual assistiram, além de El-Rei o Senhor D. Carlos, S. S. Magestades a Rainha Senhora D. Amelia e Senhora D. Maria Pia, S. Alteza o Senhor Infante D. Affonso e o elemento official, muitos officiaes de marinha e numerosa concorrencia de publico.

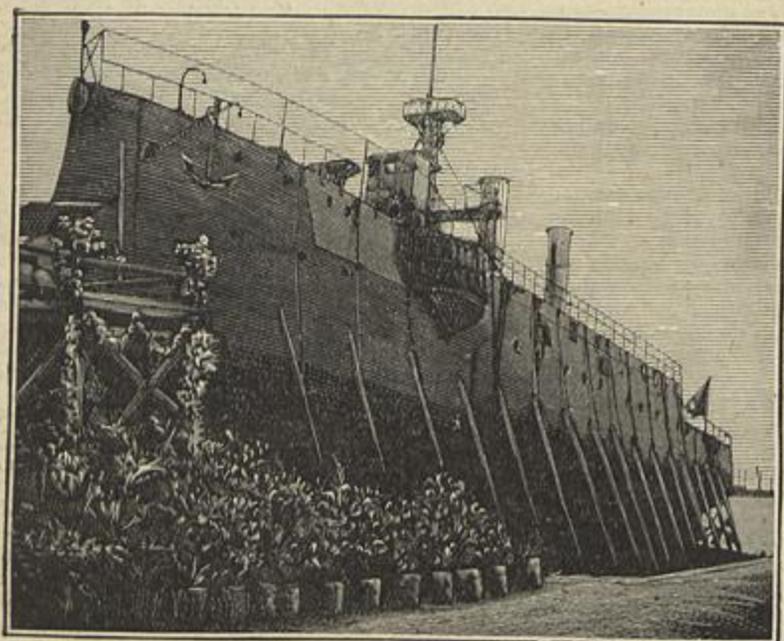
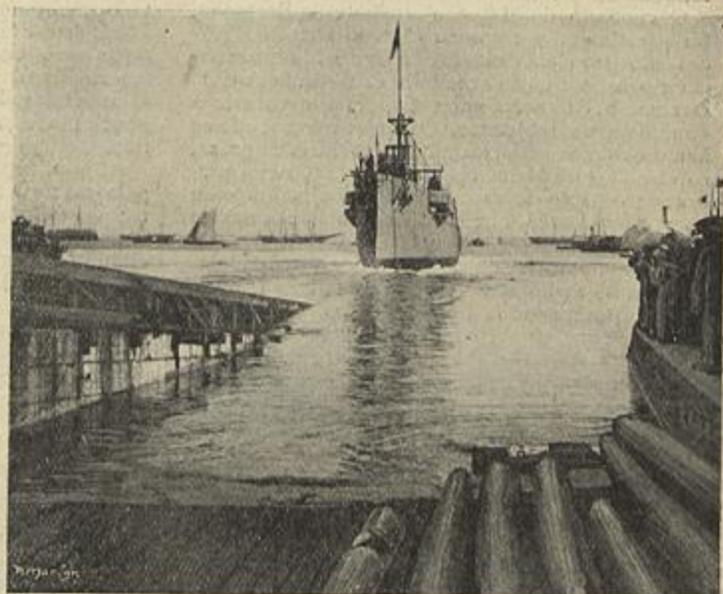
A canhoneira foi construida no Arsenal de Marinha, com o producto da subscripção aberta entre a colonia portugueza residente no Brazil, subscripção promovida pelo sr. Conde d'Avellar, um dos corações mais dedicados a Portugal.

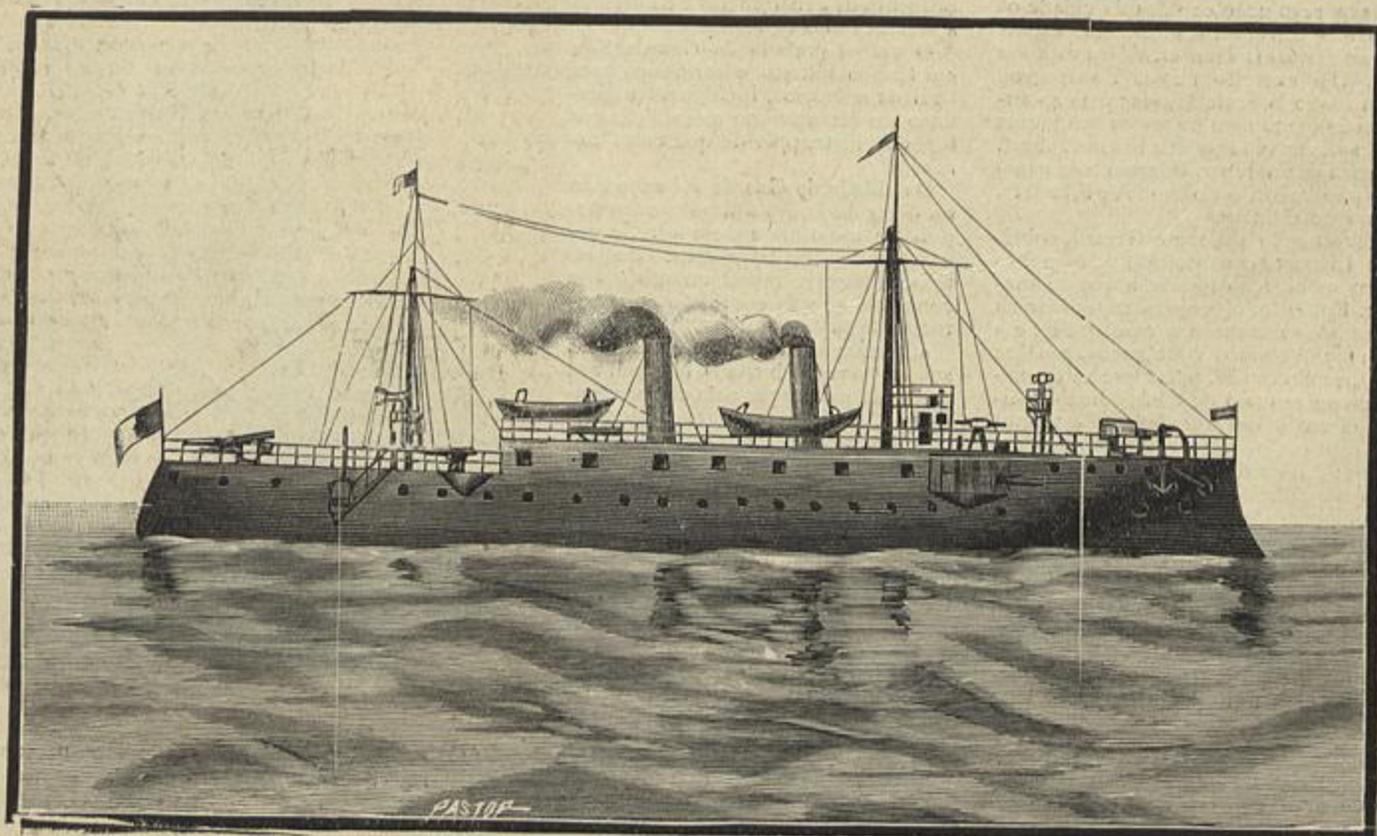
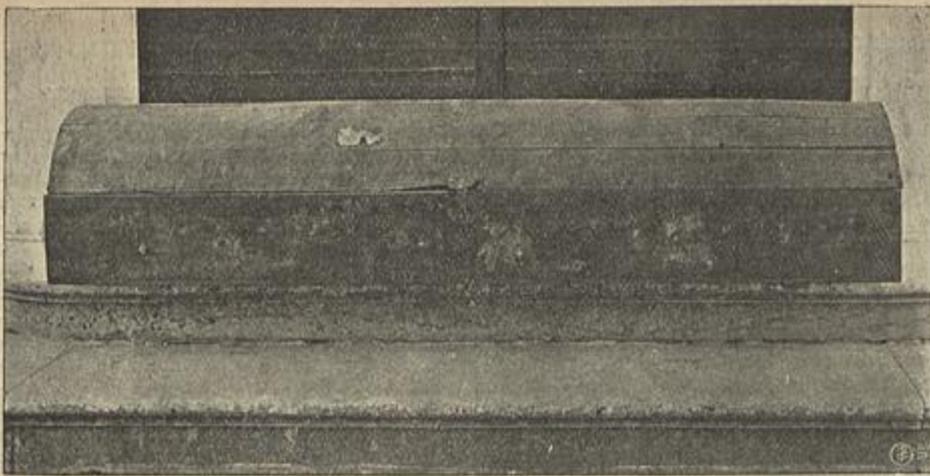
CONDE DE AVELLAR — PROMOTOR DA SUBSCRIPÇÃO PORTUGUEZA NO BRAZIL, PARA A CONSTRUCÇÃO DA CANHONEIRA «PATRIA»

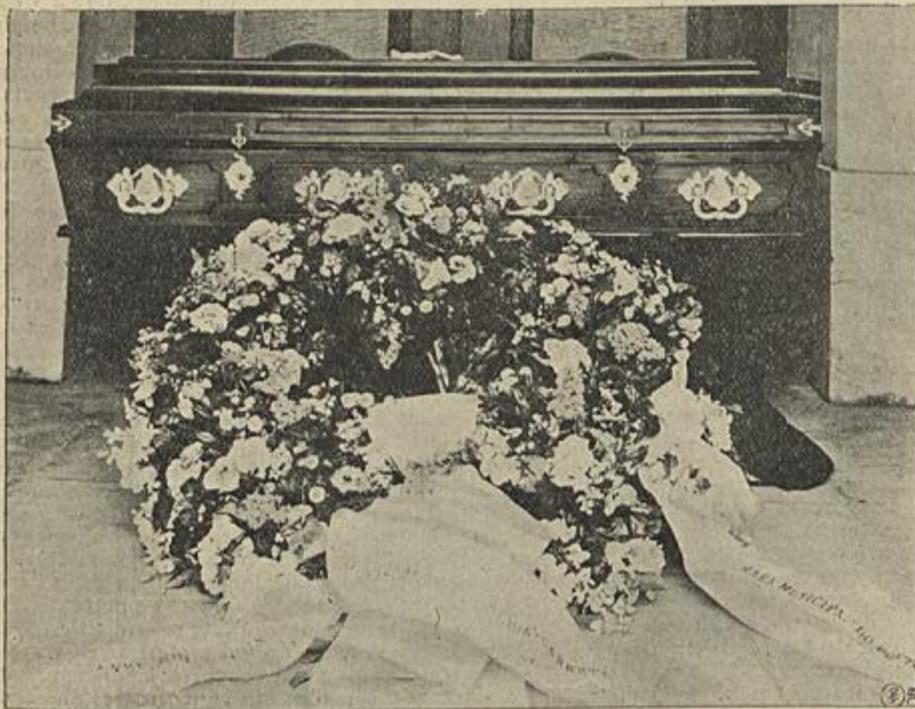
SS. MM. EL-REI D. CARLOS, RAINHAS D. AMELIA E D. MARIA PIA
E S. A. INFANTE D. AFFONSO

NO ARSENAL, DEPOIS DO LANÇAMENTO AO MAR DA CANHONEIRA «PATRIA»

(Instantaneo do sr. A. Novaes)

HENRIQUE DE CASTRO CARVALHOSA
E ATHAYDE

A CANHONEIRA PATRIA, ANTES DE LANÇADA AO MAR

A CANHONEIRA «PATRIA» DEPOIS DE LANÇADA AO MAR

(Instantaneo do sr. A. Novaes)

A CANHONEIRA «PATRIA» DEPOIS DE ARMADA

O CAIXÃO VELHO, ONDE ESTAVA O CADAVER DE ALMEIDA GARRETT

CARTÃO QUE ESTAVA PREGADO NO CAIXÃO VELHO

A NOVA URNA EM QUE FOI ENCERRADO O CAIXÃO

O sr. Conde d'Avellar que, desde muito creança vive no Rio de Janeiro, onde fundou a importantissima casa commercial Avellar & C.ª, tem ali prestado relevantissimos serviços á colonia portugueza, não havendo nunca esquecido a terra natal, S. Martinho do Porto, onde a sua alma magnanima se affirma em muitos donativos a creanças pobres e á egreja matriz d'aquella localidade.

Sentindo pela patria, que lhe foi mãe, essa funda saudade que a longa ausencia mais avigora, incitando-nos o desejo de lhe podermos ser valiosos e prestantes, o sr. Conde de Avellar conseguiu reunir uma avultada subscripção, que foi logo destinada á construcção d'um barco de guerra, que tivesse um nome suggestivo do sentimento que impulsionara aquella generosa manifestação de corações sinceramente devotados á patria.

Aos trabalhos da construcção da canhoneira superintendeu o distincto official da ma-

JOSÉ TEIXEIRA LOPES

AUCTOR DO PROJECTO PARA O TUMULO DE ALMEIDA GARRETT

rinha portugueza, sr. conselheiro Augusto de Castilho, que recebeu essa commissão honrosa dos subscriptores, quando se encontrava no Brazil ao serviço do seu paiz.

Dizer o que é este brioso official, este corajoso militar, este distincto escriptor, que Portugal inteiro conhece pelos seus meritos scientificos, pelos seus actos de heroicidade e pelo brilhantismo da sua penna, é repetição occiosa, quando toda a imprensa já o tem dito e o proprio OCCIDENTE mais de uma vez tem tido ensejo de o publicar.

Como militar falam alguns lances da guerra africana, o seu

PROJECTO DO TUMULO PARA ALMEIDA GARRETT

AUGUSTO DE CASTILHO

governo nas provincias ultramarinas e particularmente o de Moçambique; como official de marinha tem provado o seu valor scientifico em trabalhos de inexcedivel merito e em centenares de revistas espalhadas pelos diversos jornaes; como escriptor distincto as suas provas multiplicam-se, não sabendo que mais admirar se o homem de lettras, se o homem de sciencia, se o militar, cujos brios, lealdade e dedicação ao seu paiz se reproduzem em cada um dos seus serviços.

Não deixariamos completa esta ligeira noticia se não nos referissemos ainda a um nome, que, por todos os motivos deve ficar registrado.

É o dosr. Henrique de Castro Carvalhosa e Atayde, um dos delegados do governo na construcção da canhoneira «Patria».

Aspirante de marinha em 1872, capitão-tenente em 1895 e capitão de fragata em 1902, tem exercido com grande distincção o commando do hiate *Visconde da Praia Grande de Macau*, das canhoneiras *Bengo* e *Liberal* e da estação naval de Macau.

Em differentes commissões de serviço já deu provas não só de um grande zelo mas de seriedade e brio tão inexcediveis que, em toda a corporação, é considerado e respeitado.

Em Dahomé, quando fazia parte da canhoneira *Quanza*, ao ser encarregado d'uma difficil commissão, correu risco a sua vida, mas por tal modo se houve n'ella que alcançou não só os louvores officiaes, em reconhecimento dos serviços ali prestados, como fez jús a outras commissões importantes para que foi nomeado seguidamente na Guiné e em Macau.

Além d'outras mercês honorificas com que reconheceu o governo os serviços prestados por este distincto official, o sr. Carvalhosa possue as medalhas de prata de bons serviços e de ouro de D. Amelia, da campanha dos Namarraes.

Occupemo-nos agora da nova canhoneira.

Os seus caracteristicos principaes são:

Comprimento entre perpendiculares, 60m,000.
Bocca na fluctuação, 8m,404.
Altura da carena, 2m,416.
Altura da quilha, 0m,150.
Calado d'agua sem differença, 2m,566.
Superficie da casa mestra, 11m,377.
Superficie da fluctuação, 353,580.
Deslocamento total, 636 toneladas.
Velocidade prevista, milhas, 15,5.

Os alojamentos dos officiaes da guarnição e outras installações de bordo acham-se distribuidos pelos seguintes pavimentos a saber:

A partir da ante-pára que limita o spardeck, encontram-se no convés os alojamentos do commandante, comprehendendo a casa de jantar e despensa e o salão, camarote, casa de banho, etc. cuja serventia se faz por meio de um corredor. Este communica por meio de uma porta com o posto destinado a alojar a guarnição, que se acha a meia nau no mesmo pavimento. N'este posto ha todas as installações necessarias para uso da guarnição taes como, mesas e cacifos para saccos etc.

A vante d'este posto ficam installadas as casas das luzes e outras dependencias para o estado menor e guarnições, collocadas symetricamente ás amuradas do navio e na parte central o guincho para suspender o ferro e as abitas.

Na coberta estão dispostos, a partir de ré, o paiol e alojamento dos guardas marinhas, occupando a bocca do navio; a retrete e casa de banho dos officiaes, quatro camarotes de official, casa de jantar dos officiaes e ainda um camarote para o machinista; e tambem partindo de ré, a retrete, arrecadação dos guardas marinhas, quatro camarotes de official, casa de detalhe, despensa dos officiaes e outro camarote tambem para machinista.

A serventia de todos estes alojamentos é tambem feita por meio d'um amplo corredor.

A meia nau, existe a casa de banho e lavatorio para machinistas, alojamento de conductores de machinas, botica, enfermaria, retrete e casa de banho, e do outro lado a officina de machinas, alojamento dos aspirantes machinistas, outros alojamentos para officiaes inferiores, camarote do mestre e n'um espaço a meio a mesa do estado menor.

A vante, proximamente no logar dos reductos, ha tambem varios cacifos para saccos da guarnição e na extremidade de vante o paiol do fiel.

No bailéo de ré encontra-se, a partir de ré, o compartimento destinado ao apparelho e manobra do leme, seguindo-se-lhe o paiol d'aguada com a capacidade total de cerca de 9.000 litros, o paiol dos cabos, paiol da machina, despensa de electricidade e outro compartimento onde se acham installados os apparelhos auxiliares.

No bailéo de vante ha tambem o paiol do mestre e o paiol de munições para armas portateis.

No porão veem-se, dispostos a ré, os paioes de munições das peças de 10 c/m tiro rapido o compartimento das machinas que se acham separadas por meio d'uma ante-pára longitudinal, e o compartimento das caldeiras. Tanto nos compartimentos das machinas como no das caldeiras, existem, ás amuradas, os paioes de carvão, havendo ainda um outro a vante das caldeiras, disposto transversalmente, sendo a capacidade total d'estes paioes de cerca de 210 toneladas.

A vante d'este paiol fica situado o das munições das peças de 37 m/m e 47 m/m, e junto d'este o das peças de 10 c/m montadas sobre os reductos a vante. Seguem-se ainda os paioes das amarras, dos mantimentos, do vinho, e por ultimo uma antepára destinada a defender o navio dos perigos resultantes de abalroamento, ou ante-pára de collisão, como geralmente se denomina.

A artilheria consta de:

4 canhões de 10 c/m (2 em caça com reductos avante e 2 em retirada no convez a ré.

6 canhões de 47 m/m (4 no spardeck, 2 por bordo, 2 no spardeck avante sobre os reductos),

1 canhão de 37mm na gavea.

A protecção d'este navio é obtida por meio dos paioes de carvão ás amuradas e na linha de fluctuação por uma chapa de 15mm de aço nikel.

São duas as machinas do systema Labrosse & Fouché, de Nantes, desenvolvendo a força de 1.890 cavallos.

São tambem duas as caldeiras, do mesmo auctor das machinas.

A illuminação é electrica, para o que possue este navio uma completa e perfeita installação.

São em numero de 4 as embarcações, a saber:

1 escaler de 7,50 a remos.
1 escaler de 7,50 a vapor.
2 baleeiras de 6,50.

As baleeiras são içadas em turcos, emquanto que os escaleres são içados por pau de carga, movido por meio d'um guincho electrico collocado sobre o spardeck.

A ventilação é perfeitamente garantida nos logares em que pode ser feita naturalmente, sendo a ventilação artificial feita por meio de ventoinhas electricas.

O serviço das peças de 10 c/m de vante e de ré é feito por meio de «monta cargas» electricos, que se elevam até junto das peças.

Tem dois projectores, um avante e outro a ré collocados sobre plataforma, construidos sobre as caixas dos monta cargas.

E' construido de aço o mastro já montado, por fórma a resistir aos esforços do pau de cargas para as embarcações, tendo uma gavea militar onde monta 2 peças de 37mm. O serviço de transporte de munições para estas peças é feito pelo interior do proprio mastro.

Tem duas cozinhas installadas sobre a coberta, sendo uma para officiaes e outra para a guarnição.

Os monta cinzas são tambem electricos e installados de forma a elevarem as cinzas até ás dallas dispostas ás amuradas.

Os trabalhos para a construcção da canhoneira começaram em 28 de outubro de 1901, sendo a cravação do primeiro rebite em 17 de abril de 1902, sob a direcção do conductor de trabalhos francez mr. Berthé, que ha tempos se retirou para França, sendo a continuação da construcção entregue a mr. Galigné e ao contra-mestre da officina de construcções navaes de ferro do arsenal da marinha, o sr. Guilherme Julio d'Almeida.

O PROJECTADO MAUSOLEU DE GARRETT

O Occidente, que folga sempre de poder prestar homenagem a todas as iniciativas louvaveis e a todos os emprehendimentos que possam contribuir para elevar o nome do seu paiz, vem hoje occupar-se, de novo, de assumptos que se prendem com a existencia da Sociedade Litteraria «Almeida Garrett», por isso que a essa novel mas já prestigiosa aggremiação de homens de lettras e artistas se deve, incontestavelmente, todo o trabalho pratico para a trasladação e definitiva tumulisação dos preciosos restos mortaes do visconde de Almeida Garrett no Pantheon dos Jeronymos. Senão existisse esta Sociedade, não se teria realisado aquella trasladação e quem sabe mesmo se os restos venerandos do luminoso e inconfundivel escriptor, que tantos dias de gloria deu á sua patria, se não teriam extraviado por modo que não mais podesse vir a estabelecer-se a sua identidade. Com a morte do sr. conde de Ficalho e para a sua entrada no jazigo de D. Pedro Pimentel de Brito do Rio, necessario era que um dos feretros n'esse jazigo depositados, por emprestimo, fosse retirado para deixar o logar á urna que continha os despojos d'aquelle que foi o chefe da casa a quem o jazigo hoje pertence. Era o feretro de Almeida Garrett o mais antigo que ali se encontrava, ou, pelo menos o que se achava em mais lamentavel estado de abandono. Um pobre caixão de pinho, a cahir de podre, a desconjuntar-se por todos os lados, era esse feretro. Quem pode affirmar que não viesse a ser elle o retirado, para a casa dos depositos do cemiterio, afim de entrar o do conde de Ficalho?... Tudo leva a crer que assim succederia; e de tal maneira, quando amanhã se quizesse saber onde estavam os restos de Garrett, elles não seriam facilmente reconheciveis na barafunda d'aquelle deposito, tanto mais quanto o caixão que os encerrava teria acabado de derruir com os trasbordos indispensaveis ao serviço d'aquella casa da morte.

Felizmente para as lettras portuguezas e felizmente e consequentemente para o nosso paiz, o facto de se ter fundado e de existir a Sociedade Litteraria «Almeida Garrett» poupou-nos á vergonha e á ignominia que resultaria d'aquelle provavel extravio de tão gloriosas reliquias.

Por notavel coincidencia, a benemerita Sociedade fez reconhecer e authenticar o feretro de Garrett, alguns dias antes da morte do conde de Ficalho, encerrando os seus restos mortaes n'uma custosa urna de mogno e pau preto, que a 3 de Maio ultimo, fez depois trasladar solemnemente para o Pantheon; de modo que o feretro do chefe da casa Ficalho, achou devoluto o seu logar quando d'elle precisou, no jazigo que lhe pertencia.

Tal é o inestimavel serviço que a honra e o bom nome de Portugal ficaram devendo a essa prestimosa e illustrada Sociedade, serviço pela qual ella deve sentir-se orgulhosa e enobrecida.

Do estado em que se encontrava o caixão de pinho contendo os despojos do grande Almeida Garrett, do cartão que n'esse feretro estava pregado a assignalar a identidade de taes despojos, já meio carcomido e desbotado, bem como da rica urna de mogno com adornos de metal prateado em que elles foram depois trasladados para o grandioso templo de Belem,—dão ideia nitida as photogravuras que hoje publicamos.

Mas a Sociedade Litteraria «Almeida Garrett» não quiz ficar apenas com a gloria de ter salvo de uma provavel perda as cinzas do genial escriptor cujos talentos encheram o seculo em que viveu; decidiu-se tambem a erguer no Pantheon, por meio de subscripção nacional, um mausoleu que dê segura guarida a tão preciosas cinzas. Assim é que, em 25 de Julho de 1902 abriu concurso publico, entre todos os artistas portuguezes para o desenho e plano d'esse mausoleu. Até 30 de setembro recebeu na sua secretaria os trabalhos apresentados n'esse concurso; e para apreciar os desenhos e planos dos concorrentes nomeou um jury, que reuniu a 21 de novembro, composto de J. Velloso Salgado, illustre professor de pintura historica na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa; Rozendo C. d'Araujo Carvalheira, architecto de reconhecidos meritos; e B. Sezinando Ribeiro Arthur, apreciado critico de arte. D'entre os projectos apresentados, em exposição publica n'aquella academia realisada, o jury concedeu o primeiro premio ao que tinha por lêmma *14 de Agosto* e que depois se constatou ser original do distincto architecto portuense José Teixeira Lopes, que é, já hoje, uma lidima gloria da arte portugueza. Dando agora a photogravura da *maquette* do mausoleu em questão, inserimos tambem o retrato de J. Teixeira Lopes. Este illustre artista levou a sua bizarria até ao ponto de ceder o premio pecuniario que lhe competia, em favor da

subscripção aberta pela Sociedade Litteraria «Almeida Garrett». Grata a esta prova de alta deferencia a Sociedade conferiu-lhe o diploma de socio benemerito.

A estatua que figura no mausoleu será modelada por Antonio Teixeira Lopes e representa a Patria espalhando flores por sobre o tumulo do grande escriptor do *Frei Luiz de Sousa*, do *Romanceiro*, do *Camões* e de tantas outras obras que são honra e orgulho das nossas lettras e da nossa lingua.

A construcção do mausoleu vae começar em breve e aquelles dois distinctos artistas contam tel-o prompto no praso de um anno.

GREMIO LITTERARIO E ARTISTICO DE CEZIMBRA

Cezimbra é das terras de provincia que mais tem progredido nos ultimos annos.

Ainda ha pouco mais de 20 annos, se podia considerar apenas uma povoação de pescadores, apesar do seu castello e de seus antigos foraes, e hoje uma das villas mais importantes da Estremadura onde as edificações se tem succedido com um notavel incremento formando seus bem dispostos arruamentos, e fazendo realçar as bellezas naturaes da povoação collocada á beira do Oceano.

Para este progredir tem cooperado certamente a actividade dos cezimbrenses, desenvolvendo a sua industria e commercio de pescaria, que é o principal da terra.

Como affirmação do progresso de Cezimbra, conta já esta villa, entre outras sociedades, *O Gremio Litterario e Artistico*, installado em uma bella casa de construcção moderna, instituto de grande utilidade e que muito poderá concorrer para o desenvolvimento da educação e instrucção dos cezimbrenses.

Este exemplo de actividade e de trabalho desejariamos vêr seguido em tantas outras cidades e villas do paiz, onde aliás se vejeta n'um marasmo e inercia não muito longe do anniquilamento

---

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 882)

— Assim pois, querida Maria, articulava a custo o moribundo. Estevam, especificando as suas ultimas vontades, deixo-te quanto possuo, e apenas te recommendo que trates com carinho o nosso presado amo.

Não o accordes muito cêdo, de manhã, põe cuidado em que tenha sempre á mão uma camisa lavada, préga-lhe os botões, quando não, irritar-se-á. Por caso nenhum d'esta vida lhe fales em vestir um fato novo, trata antes de lhe poupar o velho, e toma-lhe passagens, quando lhe vires algum rasgão. Á hora das refeições, áta-lhe o guardanapo, pois não sendo assim enxer-se-ha de nodoas. Faze-lhe o prato e serve-o. Sempre que ouvires tocar a vesperas, acompanha-o á egreja, e não te deites sem que elle se tenha deitado. Se acaso enfermar, manda immediatamente atrelar a carruagem para trazer o velho medico, e a nenhum outro, em caso algum, pois que, aliás, não tomará os remedios. Não percas de vista aquella chavinha que elle, de dia, traz sempre comsigo, e que,á noite, esconde debaixo do travesseiro.Quando Deus fôr servido de chamar á sua presença o nosso presado amo, abre a gavêta, sáca para fóra um maço de papel que lá has de encontrar, conserva o bem escondido, leva-o para Basarhely e entrega-o ao dignissimo bispo da religião reformada. Cumprirá este, fielmente, as ultimas vontades do nosso amo e senhor, e entregará o seu corpo á terra com as devidas honras.

— Não te ponhas com tolices, Estevam, estás a brincar, pois não é verdade? Assustar a gente d'esse modo, gabo-te a pachôrra, carpia a coxinha entre soluços e caindo de bôrco sobre o leito.

— Não estou gracejando, minha filha, replicou o Estevam, depois de haver tomado o folego, exhausto de tanto falar, ir-me-ei d'esta para melhor ainda esta noite, não verei o dia de ámanhã. E'a primeira vez na minha vida que adoeço, e estou certo de que será a ultima. O mesmo succedeu a meu pae; e assim tem sido sempre em nossa familia.

— Queres que te vá preparar um côpo de vinho com pimenta? Foi friagem que apanhaste. Estevam, queres que a governante te venha applicar uma fricção? proseguiu a Maria coxinha, aconchegando a roupa da cama ao enfermo e indireitando-lhe a almofada debaixo da cabeça.

— Não te incommodes por minha causa, articulou novamente o Estevam, trata antes do nosso bom amo. Tem cuidado em lhe não faltar todas as manhãs com o seu café, bem quente, e não deixes o leite apanhar fumo, são coisas que não póde tolerar.Não te tires de ao pé d'elle, e nem por sombras o contradigas; quando elle estiver em maré de conversar, conversa com elle, fala, entretem-no, mas em caso nenhum te refiras ao menino Gésa, aliás, desata a chorar, e á menina Elsbeth, a essa ainda menos, pois, de contrario, irritar-se-á desde logo. Por esse mesmo motivo se zangou hontem comigo aquella alma santa. Ai de mim! lembrar-me eu de que terei de baixar á sepultura deixando o zangado commigo! Pede-lhe perdão em meu nome. Dize-lhe que, na hora do passamento, era isso a unica coisa que me affligia. Esta minha cabeça chôcha! Para que havia de eu ir fazer zangar o meu rico amo!

— Não estou zangado. Estêvam, não estou zangado, gemeu Radnothy, entrando; deixou cair a luz, correu para o leito, mas tão abatido, tão anniquillado se achava, que o moribundo foi o proprio a erguer-se, descerrando com esforço os labios já mudos para emittir o ultimo adeus. E a este que allivio lhe não trouxe aquelle supremo osculo, aquella despedida á beira da sepultura!

Cumprira-se o seu ultimo desejo, podia morrer sem magua. Imprimindo um esforço ás ja rigidas feições do rosto, sorriu-se, nos olhos turvos, e já sem vista, fulgiu ainda uma derradeira centelha de affecto e de gratidão.

Radnothy estava aniquillado.

Tão inesperada, tão inacreditavel era para si a morte do seu servo fiel, que nem chorar póde. Mudo, contemplava o defunto, estendido no leito, e mais tarde, no ataúde; ouviu sem se commover as pancadas do martello ao pregar da tampa no caixão, a prece do ecclesiastico, o officio de defuntos á beira da cova. O Estêvam estava ali, sempre presente a seus olhos, occupava-o em seu serviço a toda a hora do dia; iam juntos ao cemiterio — que importava, achar-se o Estêvam estendido no caixão, e elle Radnothy arrastando-se a custo atraz do esquife, — nem por isso deixavam de permanecer juntos um do outro.

Assim que regressou a casa, e deu com os olhos na cadeira, erma, na qual se sentava á noite o dedicado servo, — quando chegaram as noites de inverno com os seus nevoeiros cerrados e o aborrecimento mortal e se viu sem ninguem, que interrompesse aquelle horripilante e lugubre socego; quando entrava a pensar, a evocar as suas recordações e sem ter ninguem que lhe auxiliasse a memoria e o escutasse, — quando, em vez do Estêvam, lhe apparecia sempre a Maria coxinha, para o ajudar a despir, aquelle ser rachitico e engoiado, comquanto fiel, mas sem geito para se haver com elle, que mal lhe chegava ao hombro, e que apenas sabia lidar com a criação: rompia n'um chôro desatinado, e tinha para um bom pedaço.

E' possivel que para aquelle eterno chorar concorresse a debilidade dos seus olhos, a fonte principal era, todavia, a dôr. Com o Estêvam subvertera-se lhe o ultimo esteio, e nada lhe restava n'este mundo que pudesse prendê-lo á vida. Era esta a chaga que mais fundamente lhe lacerava a alma, pois que em vez de sarar com o tempo, ainda de mais em mais se acirrava. Não decorria um segundo em toda a roda do dia, não existia recanto no seu aposento, não se produzia a mais insignificante circumstancia, que lhe não trouxesse á memoria o Estêvam. A pobre Maria coxinha não lhe podia prestar os serviços que lhe prestava o Estêvam, e ainda que contra sua vontade,deixava de o attender. O mordomo, desde que se persuadira de que o amo estava á beira da sepultura, e agora que já não estava ali o Estêvam para lhe impôr respeito, perdera muito da sua meticulosa probidade, e só tratava de aproveitar para se ir enchendo a circumstancia de se achar administrando uns bens, sem dono, por assim dizer. Radnothy padecia privações de toda a casta. O passadio ia de mal para peior, e as horas das refeições faziam-se esperar indifinidamente. A Maria coxinha não atinava a atar o guardanapo ao amo, pingava de nodoas a toalha, e enchia-lhe o copo a trasbordar; e o ancião ia perdendo o appetite e definhando a olhos vistos.

A temperatura do aposento cada vez era mais fria, o mordomo, por sovinice, escasseava-lhe com a lenha, não lh'a dava em sufficiente quantidade para que o pobre velho pudesse entreter-se alimentando o lume. A Maria coxinha não se descuidava de lhe pregar os botões nas camisas, mas Radnothy, sempre a tremer com frio, era raro mudar de roupa; deixou até de se aquecer ao fogão, em parte por lhe faltarem com a lenha, e em parte porque a chaminé fazia immenso fumo, o que dava em resultado saber sempre a fumo o café, e ainda quando tal se não dava, a elle afigurava-se-lhe que assim era. Resingava amiude com a coxinha, que lhe tomava umas passajolas muito toscas no casaco, gabando o Estêvam que o fazia com singular perfeição, podendo competir com o mais perito alfaiate.

De manhã não consentia que ella o ajudasse a vestir, e lá se ia arranjando conforme podia, a muito custo e a trôxe-môxe; calçava a bota do pé esquerdo no pé direito, e abotoava o collete ás avessas. Quer ficasse bem quer ficasse mal, elle nem dava por isso, e quando a Maria coxinha pegava a lagrimejar, por não acertar a servi-lo como cumpria, entristecia e suspirava pelo Estevam.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

O MEZ METEOROLOGICO

Junho, 1903

Barometro. Altura maxima 768mm,0 em 13.
» » minima 752mm,5 em 18.
Thermometro. Maxima temperatura 33°,9 em 30.
» Minima » 12°,9 em 11.

O tempo conservou-se fresco com temperaturas proximas do normal até 21, com um maximo n'esse dia, de 24°,0 e um minimo de 14°,4. A partir de 22, alta thermometrica, a qual se accentuou mais, a partir de 26 até 30 e com maximos respectivamente eguaes a: 29°,2 – 29°,1 – 27°,2 – 28°,9 e 33°,9.

Céu. Bom tempo 15 dias. Nublado 14 dias. Encoberto 1 dia.

Ventos dominantes. NW de 1 a 4. NE em 5. SE em 6 e 7. W de 8 a 10 NW de 11 a 16. SW de 17 a 21. NE em 22. Variavel até 30 predominando o N e o SW.

Chuvas. 73mm,5 repartidos em 6 dias (4, 6, 9, 17, 18 e 19).

O dia 17 de junho tornou-se celebre, por se ter registado no pluviometro 65mm,0 de agua, a maior quantidade, notada em junho, desde a fundação do observatorio e a maior queda de agua, registada durante o anno corrente, até essa data a chuva tornou-se torrencial sobretudo durante a noite.

A quantidade 73mm,5 de chuva, em junho é perfeitamente excepcional, em Lisboa, não se havendo, naturalmente de repetir esse facto, durante alguns annos.

Graniso em 4. *Relampagos* e *trovões* em 4.

NECROLOGIA

JOSÉ DA COSTA PEDREIRA

Victimado por um doloroso soffrimento do figado e do estomago falleceu no dia 16 de junho, findo, o antigo negociante da ilha de S. Thomé e abastado proprietario e capitalista, sr. José da Costa Pedreira.

Tudo que se sabe da honrada carreira d'este homem a quem a fortuna sorriu, não sem primeiro lhe ter feito experimentar algumas contrariedades, é que a sua riqueza foi adquirida á custa de um trabalho assiduo, persistente e honesto, tendo entrado na posse da Roça Monte Café, em S. Thomé, fundada por seu irmão Manoel da Costa Pedreira, onde a sua administração, verdadeiramente emprehendedora e intelligente, se evidenciou, multiplicando-lhe as sympathias e os haveres.

Conhecendo de perto as difficuldades da existencia, Costa Pedreira exerceu a caridade durante os annos que viveu em Portugal na mais larga escala, e, tendo pela familia que estremecia a maior e mais funda das affeições, não esquecia o tornar-se proveitoso e util, sempre que o seu auxilio era solicitado a favor d'essa outra grande familia: — os desprotegidos!

Não houve ninguem que n'um momento de dolorosa afflicção não recorresse á philantropia de Costa Pedreira, que não encontrasse n'elle o protector desvelado, prompto sempre a prestar o seu obolo para minorar o soffrimento alheio, contri-

buindo, não poucas vezes, para a sustentação de muitas instituições de beneficencia que o tinham no numero dos seus mais dedicados protectores.

Do Albergue Nocturno, por exemplo, fôra elle um dos fundadores e director.

A sua morte seccou mais um d'esses mananciaes de esperança e de conforto a que os desamparados confiadamente reccorriam. Para esses como não deve ter sido sentida a sua perda insubstituivel, irremediavel.

JOSÉ DA COSTA PEDREIRA
FALLECIDO EM 16 DE JUNHO

Costa Pedreira foi vereador da camara municipal de Lisboa, tendo sido encarregado do pelouro das obras da camara, presidida pelo sr. Fernando Palha, e vogal do conselho de beneficencia, cargo que exerceu com a maior integridade e dedicação.

Pertenceu tambem á junta dos repartidores da contribuição predial do 3.º bairro, foi presidente da Liga Liberal e membro da camara dos pares, por eleição.

Actualmente era director da Companhia Luzo Africana de productos chimicos, companhia de que elle havia sido o fundador.

Nasceu em 1839, contando 64 annos á data do seu fallecimento.

GREMIO LITTERARIO E ARTISTICO CEZIMBRENSE

O sr. Costa Pedreira morreu deixando do seu nome a mais sympathica recordação a todos aquelles que sabem apreciar as virtudes d'uma alma magnanima e generosa como era a d'elle.

Se foi esse o seu ideal consegui-o realisar, porque os bons e os uteis serão sempre lembrados como exemplos, quanto mais raros vão sendo os seus imitadores.